

Maria de Lourdes Pintasilgo: Como eu a vi

Maria José Nogueira Pinto (Membro do Conselho Consultivo da Fundação Cuidar O Futuro)

Conhecia-a pessoalmente quando se candidatou à Presidência da República. No âmbito da campanha eleitoral foi publicado um livro que recolhia um debate entre a candidata e três homens, de áreas ideológicas distintas. Era uma espécie de conversa solta, na qual vinham à baila diversos temas políticos, culturais, sociais e religiosos.

Um dos encontros foi lá em casa e eu assisti, numa discreta retaguarda. Estava desejava de conhecer Maria de Lourdes e aproveitei essa oportunidade de ouro em que pude vê-la e ouvi-la, os gestos, as expressões e as palavras, como as enfatizava, como o seu pensamento corria, sempre lançado, mais e mais, para a frente. Era utópica e cartesiana, profunda e lúdica, contundente e sensível. Viajava no seu próprio raciocínio, encontrava uma nova ideia, descobria um novo argumento no fio da discussão. Fiquei fascinada. Não por ela ser mulher, mas por ser aquela mulher, única candidata entre candidatos, igual a si própria, sem concessões ao efémero e ao casuismo demagógico, tão frequentes em competições eleitorais.

Depois, julgo poder dizê-lo, seguiu-se uma duradoura simpatia mútua, pontuada por muitos encontros, conversas, convívios. Telefonou-me nas vésperas da sua morte. Continuava a lutar para que o Governo reconhecesse o estatuto de utilidade pública à sua Fundação e eu estava a fazer diligências, pelo meu lado, nesse sentido. Pareceu-me agitada, magoada com o que se estava a passar em Portugal. Foi uma longa conversa telefónica e a última vez que ouvi a sua voz.

Para mim, que sempre vi a essência da Política como o gosto e a capacidade de cuidar da Polis, Maria de Lourdes representava esse entendimento da Cidade que marcou desde cedo a sua intervenção, através de um activismo permanente a partir de uma pluralidade de fóruns e de tribunas: a acção, a palavra falada e escrita, a pressão, o

protesto, o apoio expresso a esta ou aquela causa. Mas, sobretudo, pelo seu próprio testemunho. Um activismo levado a cabo na participação política para o seu exterior, ou fora de muros para o centro da Cidade: como técnica, como política, como intelectual, como católica, como mulher.

Depois, o corporizar, por vezes de modo tão solitário, um conceito vivo de cidadania, assente na crença de que o mundo é, ainda e apesar de tudo, aquilo que cada um vai fazendo dele e com ele e que, por isso, vale a pena ocupar-nos da política para que ela não se ocupe de nós, da pior maneira. E daí a sua convicção de que a política deve actuar nas causas e nos efeitos, ainda no presente e já no futuro. A obrigação, quase ética, de se ser preventivo e prospectivo.

E ainda uma consciência social perpassada pela inquietação evangélica – que hoje ganha na governação a conceptualização inovadora de uma nova dimensão ética de cuidar da espécie humana. Traduzida, ao longo da sua vida, em práticas, prioridades, planos e programas que cientificamente combatam a pobreza, as desigualdades extremas, as violações mais ou menos subtis da dignidade humana, denunciando quando o poder sucumbe à tentação de fazer dos meios um fim e dos instrumentos, objectivos últimos.

Era incómoda? Muito. Ousou ter um pensamento político próprio, ousou estar sozinha, ousou manejar a dimensão temporal que, não raras vezes, a colocou à frente dos tempos do seu tempo. Mas era também uma mulher cheia de humor, com uma alegria e um gosto pela vida bem visíveis, atenta ao detalhe de uma bonita blusa ou de uma boa sobremesa, aberta e curiosa face ao diferente, familiarizada com o mundo exterior, fugindo à dimensão paroquial da nossa vida política.

Maria de Lourdes nunca se deixou apropriar. Não vale a pena tipificá-la, rotulá-la, fechá-la em círculos esotéricos de linguagens partidárias ou de ideologias domésticas.

Pintasilgo foi um caso. Pagou por isso um elevado preço mas, também por isso, ficou definitivamente entre nós no seu pensamento acutilante, perpassado de urgência e tão actual.